

# Entre Teologia e História

## Between theology and history

**Por Rogério Sávio Link**

Doutor em Teologia (EST)

[linkrogerio@yahoo.com.br](mailto:linkrogerio@yahoo.com.br)

<http://linkrogerio.wordpress.com>

### Resumo:

Este artigo tematiza a relação entre teologia e história. Em primeiro lugar, procuramos abordar a necessidade da história para o fazer teológico e a relação entre a história salvífica e a história ordinária. Em segundo lugar, também postulamos o caráter teológico da história para a teologia e indicamos qual abordagem histórica, a nosso modo de ver, se identifica mais com esse caráter teológico.

### Palavras-chave:

Teologia. História. História social. História cultural.

### Abstract:

This article thematizes the relationship between theology and history. In the first place, we tried to approach the need of the theological praxis of history and the relationship between the salvation history and the ordinary history. In the second place, we also postulated the theological character of history for the theology and we indicated which historical approach, in our point of view, matches more to that theological character.

### Keywords:

Theology. History. Social history. Cultural history.

## Introdução

O presente artigo tem uma dupla origem. Por um lado, ele nasce das discussões com colegas nas reuniões do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Protestantismo (NEPP), nas quais problematizávamos, a partir de alguma leitura, a pretensão da teologia em ser uma área do conhecimento. Banhados pelo contexto do reconhecimento oficial da teologia no Brasil, discutíamos, entre outras coisas, a sua “objetividade” científica e a universalidade exigida para obter um status de ciência.<sup>1</sup> Por outro lado,

nasce também da labuta, durante a pesquisa de mestrado e de doutorado, para constituir um quadro teórico em diálogo com os avanços da história fora do círculo teológico. Afinal, se minha pesquisa seria feita no âmbito da história, não poderia deixar de utilizar esses avanços.<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Braaten afirma que a teologia se afastou das demais ciências durante o período iluminista e se apegou cada vez mais à *revelação especial*. Uma vez que os pressupostos da *razão natural* desacreditavam a teologia, ela tornou-se cada vez mais uma *ciência eclesiástica*. No entanto, para ele, se ela é uma “ciência de Deus” ela deve ter, necessariamente, validade universal. Cf. BRAATEN, Carl E. Prolegômenos à dogmática cristã. In: BRAATEN, Carl E.; JENSON,

Robert W. (Ed.). *Dogmática cristã*. v. 1. São Leopoldo: Sinodal, 1990. p. 31, 39.

<sup>2</sup> Essa pesquisa pode ser encontrada na dissertação de mestrado e na tese de doutoramento cujas indicações bibliográficas estão postas a seguir: LINK, Rogério Sávio. *Luteranos em Rondônia: o processo migratório e o acompanhamento da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (1967-1987)*. São Leopoldo: Sinodal, 2004. LINK, Rogério Sávio. *Especialistas na migração: luteranos na Amazônia, o processo migratório e a formação do Sínodo da Amazônia 1967-1997*. Tese de Doutorado. São Leopoldo: Faculdades EST/PPG, 2008.

## A teologia e sua relação com a história

A teologia é uma das áreas do conhecimento mais interdisciplinares. Seu objeto de estudo — a humanidade e sua relação com o transcendente — exige essa abordagem. Não se poderia imaginar o estudo teológico sem o conhecimento das outras áreas. Assim, desde cedo, a teologia cristã sentiu a necessidade de afirmar o caráter histórico de sua revelação. Nesse sentido, os evangelhos não são outra coisa do que a tentativa de situar historicamente essa revelação. De semelhante modo, o Antigo Testamento pode ser compreendido como uma forma de escrever a história do povo de Israel através de sua relação com Deus. Também não é demasiado afirmar que, ao longo da história, os estudos em teologia concentraram grande parte de suas disciplinas no conhecimento histórico. Portanto, a teologia demonstra manter uma relação próxima com a história. Apesar dessa relação, a pergunta pela necessidade do estudo histórico para o fazer teológico deve ser formulada e respondida. O estudo da história é necessário para o fazer teológico ou é apenas uma ferramenta que, em última análise, poderia ser dispensada? A história pode ter um sentido teológico?

Essa pergunta encontra seus pólos em Karl Barth e Rudolf Bultmann. Barth enfatizando a disciplina histórica como auxiliar e a escritura como lugar da revelação da Palavra de Deus<sup>3</sup> e Bultmann querendo dar aos escritos bíblicos o mesmo tratamento aplicado a qualquer tipo de literatura.<sup>4</sup> Barth quis salvaguardar a teologia da crítica histórica apontando para o fato de que teologia depende da revelação que pressupõe a fé e não um dado que poderia ser provado cientificamente. Com isso, ele também liberta a teologia para utilizar a história como uma ferramenta útil e não exige da história que se apegue a um pressuposto de fé. Nesse sentido, a disciplina histórica também é livre

para seguir seus próprios caminhos. Para Bultmann, por outro lado, a história crítica tem um lugar central na teologia. Se Deus se fez história, devemos nos esforçar para compreender historicamente o acontecer salvífico. Do contrário, seria negar o próprio evento salvífico.

Caminhando entre Barth e Bultmann, Wolfhart Pannenberg problematizou a relação entre a investigação histórica e a história de Deus (a história da salvação). Ele debate a necessidade de uma investigação histórico-crítica. Para ele, nem a ciência histórica, nem a teologia podem concordar com uma separação entre o método histórico e a história bíblica.<sup>5</sup> Defende sua posição analisando a questão a partir de quatro pontos: 1) o antropocentrismo da crítica histórica; 2) o monopólio do método histórico no tocante ao conhecimento da história; 3) a problemática teológica sobre a aclaração histórica do fundamento da fé; 4) a história da revelação como problema do método histórico.<sup>6</sup>

No primeiro ponto, sua abordagem reafirma a necessidade de um *antropocentrismo metodológico* ao mesmo tempo que refuta um *antropocentrismo cosmovisivo*. Não se pode separar a história da salvação da história habitual. A história salvífica não está acima da história; antes se perde no meio. Negar essa afirmação é negar o próprio pressuposto teológico da encarnação,<sup>7</sup> ou seja, a ação salvadora de Deus teve lugar na própria história e não num mundo paralelo, anistórico. Por isso, o historiador deve analisar a história da salvação — lê-se também a história da igreja como um todo — a partir desse antropocentrismo metodológico.

No segundo ponto, Pannenberg afirma, então, que o conhecimento histórico somente pode ser dado *desde baixo*, desde o cotidiano. Ele critica Karl Barth por buscar uma história da salvação *desde cima para abaixo*, em analogia ao conceito de revelação de

<sup>3</sup> Cf. BARTH, Karl. *Church Dogmatics: A selection*. New York: Harper & Brothers, 1962. p. 29ss.

<sup>4</sup> Cf. BULTMANN, Rudolf. O problema da hermenêutica. In: BULTMANN, Rudolf. *Crer e compreender*: artigos selecionados. São Leopoldo: Sinodal, 1987. p. 223-229. Cf. também: BULTMANN, Rudolf. *Demitologização*: coletânea de ensaios. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

<sup>5</sup> Cf. PANNENBERG, Wolfhart. *Cuestiones fundamentales de teología sistemática*. Salamanca: Sigueme, 1976. p. 237.

<sup>6</sup> Cf. PANNENBERG, 1976, p. 238-275.

<sup>7</sup> O conceito de encarnação cristã é utilizado para descrever o nascimento de Cristo; Deus que se faz história. Ele entra na história, num lugar determinado, num tempo determinado.

Deus, como se existisse um conhecimento prévio acerca de Deus. Para ele, o verdadeiro conhecimento de Deus só adquirimos desde baixo, nas relações humanas e históricas. Não podemos pressupor um conhecimento prévio para daí compreender. Portanto, tudo é passível de crítica histórica.

No terceiro ponto, discute se a fé pode ser ameaçada pelas descobertas históricas. Conclui que o crente não pode recusar a análise histórica, pois acredita que sua fé se baseia num acontecimento real. Por isso, deve justamente buscar a verdade histórica. Se ele nega um olhar histórico crítico sobre o fundamento da fé, nega a própria encarnação. Dessa forma, conclui:

La fe, en suma, no es algo así como una sustitución de conocimiento deficiente por convicción subjetiva. Si así fuera, cada progreso del saber ayudaría, naturalmente, a hacer a la fe superflua. La fe, sin embargo, es confianza en la promesa de Dios, y a esta confianza ningún saber sobre dicha promesa la hace superflua, sino que, al contrario, la posibilita.<sup>8</sup>

No quarto e último ponto, tomando em conta que a fé sem fundamento histórico é fanatismo, Pannenberg postula teologicamente que o caráter revelatório do acontecer salvífico deve estar incluído no próprio acontecer histórico, assim como aparece para o historiador. No entanto, não se pode esperar que a investigação histórica seja responsável por provar as afirmações teológicas sobre a revelação de Deus na história ou mesmo que o historiador deva fazer qualquer tipo de afirmação acerca de Deus. Como desenvolvimento de uma história universal, o específico que acontece na história de Jesus de Nazaré e, em decorrência, na história da igreja, pode ser descrito a partir dos testemunhos. Se não é possível provar o sentido escatológico do acontecer salvífico, tampouco é mister desconsiderar aquilo que várias pessoas acreditaram e testemunharam. A construção coletiva acerca de Jesus de Nazaré é um fato

histórico de grande relevância para boa parte da humanidade. O historiador não pode fazer pouco caso disso. Ele pode desconsiderar a fé enquanto algo que todos devam acreditar, mas ele não pode desconsiderar que essa fé molda as ações das pessoas. Teologicamente falando, é somente a partir dessa forma indireta que podemos perceber o agir salvífico de Deus na história. Assim, Pannenberg conclui afirmando que

La correcta investigación teológica de la historia tendrá que dar cabida también a la verdad de la tendencia humanística, orientada a adquirir una comprensión 'inmanente' del acontecer.<sup>9</sup>

### **A história como disciplina indispensável ao fazer teológico**

Foi uma expressão de coragem protestante quando os teólogos sujeitaram os escritos sagrados de suas próprias igrejas a uma análise crítica através do método histórico. Parece que nenhuma outra religião na história humana fez uso de semelhante atrevimento e assumiu sobre si os mesmos riscos.<sup>10</sup>

Com essa frase, Paul Tillich frisa o início de uma nova era no fazer teológico, uma era na qual os próprios fundamentos da fé são criticados através do método histórico, quer dizer, são questionados quanto à sua veracidade. Pois, como já foi tratado acima, dado que o acontecer salvífico acontece na história, a disciplina de história é indispensável para termos acesso àquilo que aconteceu. A história é a condição sem a qual não se pode fazer teologia, pois Deus se revelou na história e o testemunho da tradição só pode ser observado através da história.

Não obstante, não é qualquer tipo de história que contribui teologicamente. Durante muito tempo, a teologia se atrelou ao paradigma positivista da história que buscava a verdade em si (factual), como se existisse apenas uma verdade histórica. Essa verdade era identificada com as

<sup>9</sup> PANNENBERG, 1976, p. 275.

<sup>10</sup> TILICH, Paul. *Teologia Sistemática*. 4. ed. v. 2. São Leopoldo: Sinodal, 2002. p. 327.

<sup>8</sup> PANNENBERG, 1976, p. 261.

glórias de uma elite. No caso da igreja, da elite sacerdotal. Apesar de a história positivista estar muito presente dentro da estrutura eclesial, ela já foi superada na área de conhecimento da história. No início do século XX, a História Marxista e a História Nova (Escola dos Annales) combateram veementemente a pretensão de uma história objetiva, definitiva. Edward Hallett Carr fala que só existe conhecimento histórico a partir da interpretação do historiador. A história é feita a partir de escolhas subjetivas do historiador, portanto é uma interpretação das fontes. “É comum dizer-se que os fatos falam por si. Naturalmente isto não é verdade. Os fatos falam apenas quando o historiador os aborda: é ele quem decide quais os fatos que vêm à cena e em que ordem ou contexto”. Dessa forma ele pode afirmar categoricamente que “o historiador é necessariamente um selecionador”.<sup>11</sup> Trabalhando com fatos e fontes que chegam ao historiador através da seleção de outros, ele mesmo tem a tarefa de fazer a sua própria seleção.<sup>12</sup> Assim, a hermenêutica passa a ser uma parceira importante para a história, pois tudo depende de interpretação. Nesse sentido, a história demonstra que tudo é historicamente constituído, fruto de um tempo, e que existem, portanto, diferentes interpretações. Consequentemente, não se pode fazer história da igreja pensando que os resultados compilados serão definitivos. Cada historiador e cada época se aproxima do tema (do objeto) com questionamentos próprios.

Seguindo o modelo positivista, a história é apenas auxiliar, ou seja, dispensável para o fazer teológico, pois ela narra apenas a visão dos vencedores e, ainda por cima, a postula como verdade absoluta. Esse tipo de história está diretamente em oposição ao testemunho evangélico, o qual apresenta a *Cruz* e não a *Glória* como paradigma teológico. Aqui, pois, reside uma importante chave para a interpretação da história da igreja, a *Cruz de Cristo*. A cruz demonstra as

ambiguidades das relações humanas. Ela aponta para o simultaneamente justo e pecador.<sup>13</sup>

Na teologia latino-americana, alguns teólogos e historiadores, inspirados pela Teologia da Libertação, propuseram uma nova forma de fazer história da igreja e fundaram em 1973 a Comissão de Estudos de História da Igreja na América Latina (CEHILA). Seguindo a linha da Teologia da Libertação, a proposta historiográfica da CEHILA assumiu o compromisso com os pobres, em uma clara relação com a *Cruz de Cristo*, pois uma das maiores coisas que a Teologia da Libertação combateu e combate é a pretensa objetividade de um fazer teológico descomprometido. O que a Historiografia da Libertação – como um campo da Teologia da Libertação – pretende fazer é uma historiografia claramente comprometida. Compromete-se a fazer história a partir do pobre e, ao mesmo tempo, denuncia uma estreita ligação entre historiografia majoritária e manutenção do *status quo*. Esse compromisso representou um grande avanço para as igrejas na compreensão acerca da história. No entanto, muitos “historiadores da igreja” e instituições eclesiais continuaram fortemente conectados ao paradigma positivista, pois estão atreladas ao poder; e, portanto, com medo de qualquer questionamento.

Na atualidade, os novos questionamentos para a história da igreja advêm da história social e da história cultural, postuladas pela *História Nova* e pela

<sup>13</sup> Tentei demonstrar a relação de uma história comprometida com as ambiguidades num artigo publicado na *Protestantismo em Revista* ainda em 2004. Nele, tratei sobre a questão da violência e sua relação com a história. Seguindo a dimensão ambígua da história, postulei que existe uma violência *sofrida* (passiva) e uma violência *gerada* (ativa). “Um mesmo grupo social ou uma mesma pessoa sofre violência e gera violência. Não existe um grupo ou uma pessoa que possa ser identificado com o bem e outro com o mal. A vida é ambígua. Uma pessoa que é capaz de um ato de amor também é capaz de um ato de ódio. Uma pessoa que está sofrendo também está fazendo outras sofrerem. Nesse sentido, é tarefa da historiografia resgatar essa polaridade ambígua do ser humano e de suas construções culturais.” LINK, Rogério Sávio. Violência e História: O caso da migração para Rondônia. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 03, n. 1, jan./abr. 2004, p. 62-67. Disponível em: <[http://www3.est.edu.br/nepp/revista/003/ano03n1\\_07.pdf](http://www3.est.edu.br/nepp/revista/003/ano03n1_07.pdf)>. p. 63.

<sup>11</sup> CARR, Edward Hallett. *O que é história?* 6. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1989. p. 11-29. p. 14s.

<sup>12</sup> Cf. CARR, 1989, p. 16s.

*História Marxista*.<sup>14</sup> Esses questionamentos ajudam a teologia a olhar criticamente para seu passado, presente e futuro. Eles apontam para a relação simultânea entre justo e pecador; não permitem uma abordagem triunfalista da história e assinalam para o compromisso evangélico. Foi nesse mesmo sentido que, em conjunto com Nivia Ivette Núñez de La Paz, escrevi um artigo sobre o “campo religioso” de Pierre Bourdieu. Frequentemente, fomos questionados sobre a suposta relação irreconciliável entre Bourdieu e a teologia, pois ele desmistificava o sistema religioso. Procuramos demonstrar que Bourdieu é um parceiro de diálogo para a teologia justamente por explicitar as relações de dominação das instituições e dos agentes religiosos. Dessa forma, ao apontar para a ambiguidade do sistema, ele estaria assumindo uma linha profética em consonância com a *Cruz de Cristo*.

O profeta é aquele que desestabiliza a instituição religiosa. Para nós, Bourdieu pode ser considerado um profeta. Para a teologia, esta posição profética é central. Representa a dinâmica do Evangelho, na medida em que tira as igrejas e instituições das amarras que o mundo impõe e possibilita o surgimento de vozes e grupos contestatórios que são expressão dessa dimensão profética. As diferentes correntes teológicas que contestam ou contestaram em um determinado momento as instituições tradicionais representam essa dimensão profética. Elas denunciam a rotinização da igreja e chamam para uma vivência evangélica mais autêntica.<sup>15</sup>

Assim, podemos dizer, conclusivamente, que, quando os teólogos sujeitam suas estruturas eclesiais à história crítica, não é apenas

expressão de coragem, mas, sim, de um compromisso teológico profundamente enraizado na *Cruz de Cristo*. Somente a partir de uma história que demonstre a ambiguidade das relações humanas e de suas estruturas é que estaremos dando testemunho fiel. Somente esse tipo de história tem um sentido teológico!

## Conclusão

Ao longo do artigo, procuramos demonstrar a necessidade da história para a teologia. Concluímos que, se negarmos um olhar histórico crítico sobre o fundamento da fé, nós negamos a própria encarnação, pois a encarnação é justamente a entrada de Deus na história. Também concluímos que não é possível fazer uma história salvífica separada, pois ela se perde no meio da história. Assim, fica evidente que a teologia tem uma relação muito próxima com a história.

Entretanto, também postulamos que a história pode ter um sentido teológico. Não é qualquer tipo de história que explicita essa relação teológica. A história que respeita as ambiguidades e que, portanto, faz uma escolha metodológica consciente possui essa relação teológica. Não há necessidade de fobias; a história da igreja tem que afirmar o caráter histórico do simultaneamente justo e pecador. A investigação histórica, nesse sentido, não traz a fé em si, mas ela ajuda o crente a ver as ambiguidades da vida e aponta para a *Cruz de Cristo*.

[Recebido em: abril 2010 e  
aceito em: março 2010]

<sup>14</sup> Sobre essas questões, cf. LE GOFF, Jacques (Org.). *A história nova*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1993. Cf. também BURKE, Peter (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

<sup>15</sup> LINK, Rogério Sávio; NÚÑEZ DE LA PAZ, Nivia Ivette. Bourdieu e o fazer teológico. *Protestantismo em Revista*, São Leopoldo, v. 14, n. 3, set./dez. 2007, p. 67 - 73. Disponível em: <[http://www3.est.edu.br/nepp/revista/014/ano06n3\\_05.pdf](http://www3.est.edu.br/nepp/revista/014/ano06n3_05.pdf)>. p. 73.